

O FESTIM DOS CORVOS

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO
LÍVRO IV

GEORGE R.R.
MARTIN

O FESTIM DOS CORVOS

TRADUÇÃO
Jorge Candeias



Copyright © 2000 by George R.R. Martin

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

A Feast for Crows

Capa

Inspirada na capa de Editions J'ai Lu

Ilustração de capa

© Marc Simonetti

Projeto gráfico de miolo

Claudia Espínola de Carvalho

Ilustrações de miolo

© Virginia Norey

Mapas

© Jeffrey L. Ward

Preparação

Márcia Duarte

Revisão

Adriana Moreira Pedro

Thaís Totino Richter

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martin, George R.R.

O festim dos corvos / George R.R. Martin ; tradução
Jorge Candeias. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Suma, 2019.

Título original: A Feast for Crows.

ISBN 978-85-5651-088-4

1. Ficção fantástica norte-americana I. Título.

19-29014

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorasuma

instagram.com/editorasuma

twitter.com/Suma_BR

*Para Stephen Boucher,
feiticeiro do Windows, dragão do DOS,
sem o qual este livro teria sido
escrito a lápis.*

PRÓLOGO

— DRAGÕES — MOLLANDER DISSE. Pegou uma maçã estragada que estava no chão e a fez saltar de uma mão para a outra.

— Atire a maçã — Alleras, o Esfinge pediu. Puxou uma flecha da aljava e a prendeu na corda do arco.

— Eu queria ver um dragão. — Roone era o mais novo do grupo, um rapaz atarracado ainda a dois anos de se tornar homem. — Queria muito.

E eu queria dormir abraçado a Rosey, Pate pensou. Mexeu-se inquieto no banco. De manhã, a garota podia bem ser sua. *Vou levá-la para longe de Vilavelha, para o outro lado do mar estreito até uma das Cidades Livres*. Lá não havia mestres, não existiria ninguém para acusá-lo.

Ouvia as gargalhadas de Emma, vindas de uma janela fechada por cima de sua cabeça, misturadas com a voz mais profunda do homem que estava com ela. Era a mais velha das mulheres que serviam no Pena e Caneca, tinha pelo menos quarenta anos, mas ainda era bonita ao seu jeito carnudo. Rosey era sua filha, tinha quinze anos e acabara de florir. Emma decretara que a virgindade de Rosey custaria um dragão de ouro. Pate poupava nove veados de prata e um cântaro de estrelas e tostões de cobre, mas isso de nada lhe serviria. Teria tido mais chance de trazer ao mundo um dragão de verdade do que de poupar moedas suficientes para uma de ouro.

— Nasceu tarde demais para dragões, moço — disse Armen, o Acólito, a Roone. Armen usava uma tira de couro em volta do pescoço, amarrada com elos de peltre, estanho, chumbo e cobre, e, assim como a maioria dos acólitos, parecia pensar que os noviços tinham nabos crescendo entre os ombros no lugar da cabeça. — O último pereceu durante o reinado do rei Aegon Terceiro.

— O último dragão em *Westeros* — insistiu Mollander.

— Atire a maçã — Alleras voltou a pedir. Era um jovem atraente, aquele Esfinge. Todas as criadas tinham um fraco por ele. Às vezes, até Rosey lhe tocava no braço quando lhes trazia vinho, e Pate tinha de ranger os dentes e fingir não ver.

— O último dragão em *Westeros* foi o último dragão — disse Armen com teimosia. — Isso é bem sabido.

— *A maçã* — Alleras repetiu. — A menos que queira comê-la.

— Lá vai — arrastando a perna de pau, Mollander deu um curto salto, rodopiou e arremessou horizontalmente a maçã para as névoas que pairavam sobre o Vinhomel. Não fosse o pé, teria sido um cavaleiro como seu pai. Tinha a força necessária naqueles braços grossos e ombros largos, e a maçã voou para longe e rápido demais...

... mas não tão rápido quanto a flecha que assobiou em seu encaicho, um metro de haste de madeira dourada com penas escarlates. Pate não a viu atingir a maçã, mas a ouviu. Um *tchunc* suave ecoou por sobre o rio, seguido por um respingar de água.

Mollander assobiou:

— Em cheio. Boa.

Nem de perto tão boa quanto Rosey. Pate adorava seus olhos cor de avelã e seus seios em botão, e o modo como sorria sempre que o via. Adorava as covinhas em seu rosto. Às vezes, ela andava descalça enquanto servia, para sentir a erva sob os pés. Também adorava aquilo. Adorava o cheiro limpo e fresco que ela exalava, o modo como os cabelos se enro-

lavam atrás das orelhas. Adorava até mesmo seus dedos dos pés. Uma noite, ela o deixara esfregar seus pés e brincar com eles, e Pate inventara uma história divertida para cada dedo, a fim de fazê-la sorrir.

Talvez fizesse melhor em permanecer deste lado do mar estreito. Podia comprar um burro com o dinheiro que poupava, e Rosey e ele podiam montá-lo por turnos enquanto vagueavam por Westeros. Ebrose podia não considerá-lo merecedor da prata, mas Pate sabia como endireitar um osso e curar uma febre com sanguessugas. O povo ficaria grato por sua ajuda. Se conseguisse aprender a cortar cabelos e a fazer barbas, podia mesmo se tornar barbeiro. *Isso seria o bastante*, disse a si próprio, *desde que tivesse Rosey*. Rosey era tudo que desejava no mundo.

Nem sempre fora assim. Sonhara outrora ser mestre em um castelo, a serviço de um senhor generoso qualquer que o honrasse por sua sabedoria e lhe concedesse um belo cavalo branco como agradecimento por seus serviços. E quão alto o montaria, quão nobremente, distribuindo sorrisos aos plebeus quando passasse por eles na estrada...

Certa noite, na sala comum do Pena e Caneca, após a segunda caneca de uma cidra terrivelmente forte, Pate gabara-se de que não seria noviço para sempre.

— É bem verdade — gritara Leo Preguiçoso. — Vai ser um ex-noviço e criar porcos.

Ele engoliu de um só trago o resto em sua caneca. Naquela manhã, a varanda iluminada a archote do Pena e Caneca era uma ilha de luz num mar de névoa. A jusante, o distante sinal luminoso da Torralta flutuava no relento da noite como uma lua alaranjada e brumosa, mas a luz pouco fez para lhe melhorar o estado de espírito.

A esta hora o alquimista já devia ter chegado. Tudo fora alguma brincadeira cruel, ou teria acontecido alguma coisa ao homem? Não seria a primeira vez que a fortuna cobria Pate de amargura. Uma vez achara-se afortunado por ter sido escolhido para ajudar o velho arquimeistre Walgrave com os corvos, sem sonhar que logo também estaria buscando suas refeições, varrendo seus aposentos e o vestindo todas as manhãs. Todos diziam que Walgrave esquecera mais da criação de corvos do que a maior parte dos mestres chegava a saber, por isso Pate presumira que um elo negro de ferro era o mínimo que poderia esperar, mas acabara por descobrir que isso era algo que Walgrave não poderia lhe dar. O velho continuava a ser arquimeistre apenas por cortesia. Por maior que tivesse sido como mestre, agora o mais comum era que suas vestes escondessem roupas íntimas emporcalhadas, e meio ano antes um grupo de acólitos o encontrara às lágrimas na Biblioteca, pois não fora capaz de encontrar o caminho de volta até seus aposentos. Era mestre Gormon quem se sentava sob a máscara de ferro no lugar de Walgrave, o mesmo Gormon que um dia acusara Pate de roubo.

Na macieira, à beira d'água, um rouxinol começou a cantar. Era um som doce, uma pausa bem-vinda nos gritos roucos e no crocitar sem fim dos corvos de que cuidara o dia inteiro. Os corvos brancos conheciam seu nome, e o resmungavam uns para os outros sempre que o vislumbravam, "*Pate, Pate, Pate*", até deixá-lo a ponto de gritar. As grandes aves brancas eram o orgulho do arquimeistre Walgrave. Desejava comê-las quando ele morresse, mas Pate andava meio desconfiado de que as aves também pretendiam comê-lo.

Talvez fosse a cidra terrivelmente forte — não viera para beber, contudo Alleras se encarregara de pagar, para festejar seu elo de cobre, e a culpa dera-lhe sede —, mas quase soava como se o rouxinol estivesse trinando *ouro por ferro, ouro por ferro, ouro por ferro*. O que era muitíssimo esquisito, pois tinha sido aquilo que o estranho dissera na noite em que Rosey os apresentara.

— Quem é você? — Pate perguntou, e o homem respondeu:

— Um alquimista. Sei transformar ferro em ouro — e, então, tinha uma moeda na mão, dançando sobre os nós dos dedos, fazendo brilhar o suave ouro amarelo à luz das velas. De um lado, havia um dragão de três cabeças, do outro, a cabeça de um rei qualquer morto. *Ouro por ferro*, recordou Pate, *não conseguirá melhor. Você a deseja? Você a ama?*

— Não sou nenhum ladrão — disse ao homem que se designava alquimista. — Sou um noviço da Cidadela.

O alquimista inclinou a cabeça e disse:

— Se reconsiderar, voltarei aqui dentro de três dias, com meu dragão.

Tinham se passado três dias. Pate regressara ao Pena e Caneca, ainda incerto do que ele seria, mas, em vez do alquimista, encontrara Mollander, Armen e o Esfinge, com Roone a reboque. Teria levantado suspeitas se não se juntasse a eles.

O Pena e Caneca nunca fechava. Havia seiscentos anos que se erguia em sua ilha no Vinhomel, e nem por uma vez deixara de funcionar. Embora o alto edifício de madeira se inclinasse para o sul, como os noviços por vezes após beber uma caneca, Pate supunha que a estalagem continuaria em pé por mais seiscentos anos, vendendo vinho, cerveja e cidra terrivelmente forte a homens do rio e do mar, ferreiros e cantores, sacerdotes e príncipes, e aos noviços e acólitos da Cidadela.

— Vilavelha não é o mundo — Mollander declarou, alto demais. Era filho de um cavaleiro, mas não poderia estar mais bêbado. Desde que lhe tinham trazido a notícia da morte do pai na Água Negra, embebedava-se quase todas as noites. Até em Vilavelha, longe das batalhas e em segurança atrás de suas muralhas, a Guerra dos Cinco Reis tocara-os a todos... embora o arquiteiro Benedict insistisse que nunca houvera uma guerra de cinco reis, já que Renly Baratheon fora morto antes de Balon Greyjoy ter sido coroado.

— Meu pai sempre disse que o mundo era maior do que o castelo de qualquer senhor — prosseguiu Mollander. — Os dragões devem ser a menor das coisas que um homem poderá encontrar em Qarth, Asshai e Yi Ti. Essas histórias dos marinheiros...

— ... são histórias contadas por marinheiros — Armen o interrompeu. — *Marinheiros*, meu caro Mollander. Vá até as docas e aposto que encontrará marinheiros que lhe falarão das sereias com as quais dormiram, ou de como passaram um ano na barriga de um peixe.

— Como é que sabe que não passaram? — Mollander bateu os pés grama afora, à procura de mais maçãs. — Precisaria estar na barriga do peixe para jurar isso. Um marinheiro com uma história, tudo bem, um homem podia rir dela, mas quando remadores vindos de quatro navios diferentes contam a mesma história em quatro línguas diferentes...

— A história *não é* a mesma — insistiu Armen. — Dragões em Asshai, dragões em Qarth, dragões em Meereen, dragões dothraki, dragões libertando escravos... todas as histórias são diferentes umas das outras.

— Só nos detalhes — Mollander ficava mais teimoso quando bebia, mas até sóbrio era obstinado. — Todos falam de *dragões*, e de uma bela jovem rainha.

O único dragão que interessava a Pate era feito de ouro amarelo. Perguntou a si mesmo o que teria acontecido ao alquimista. *Ao terceiro dia... ele disse que estaria aqui.*

— Há outra maçã perto do seu pé — gritou Alleras a Mollander —, e eu ainda tenho duas flechas na aljava.

— Que se foda sua aljava — Mollander apanhou o fruto caído. — Ela está bichada — protestou, mas a atirou mesmo assim. A flecha atingiu a maçã quando ela começava a cair e a cortou ao meio. Uma metade caiu no telhado de um torreão, rolou até outro mais baixo e caiu; não atingiu Armen por meio metro.

— Se cortar um verme pela metade, criará dois vermes — informou-os o acólito.

— Se ao menos acontecesse o mesmo com as maçãs, nunca ninguém precisaria passar fome — Alleras disse com um de seus sorrisos gentis. Esfinge andava sempre sorrindo, como se conhecesse algum gracejo secreto. Isso lhe dava um aspecto malicioso que combinava bem com o queixo pontiagudo, o bico que a linha dos cabelos formava no meio da testa e o denso matagal de cachos negros de azeviche cortados curtos.

Alleras seria meistre. Só estava na Cidadela havia um ano, mas já forjara três elos de sua corrente de meistre. Armen podia ter mais, mas levava um ano para ganhar cada um deles. Mesmo assim, também chegaria a meistre. Roone e Mollander continuavam a ser noviços de pescoço rosado, mas Roone era muito novo, e Mollander gostava mais de beber do que de ler.

Mas Pate...

Estava na Cidadela havia cinco anos, chegara com não mais que treze anos, mas seu pescoço permanecia tão rosado quanto fora no dia em que viera das terras ocidentais. Julgara-se pronto por duas vezes. Da primeira, apresentara-se ao arquimeistre Vaellyn para demonstrar seu conhecimento dos céus. Em vez disso, descobriu como foi que Vinagre Vaellyn ganhou esse apelido. Pate levou dois anos reunindo coragem para voltar a tentar. Então, submetera-se ao velho e amável arquimeistre Ebrose, famoso por sua voz suave e mãos gentis. Mas os suspiros de Ebrose revelaram-se tão dolorosos quanto as farpas de Vaellyn.

— Uma última maçã — prometeu Alleras —, e eu conto a vocês minhas suspeitas acerca desses dragões.

— O que você poderia saber que já não sei? — Mollander resmungou. Encontrou uma maçã num galho, saltou, arrancou-a e a arremessou. Alleras puxou a corda do arco até a orelha, virando-se habilmente para seguir o alvo. Atirou a flecha precisamente no momento em que a maçã começava a cair.

— Falha sempre no último tiro — Roone disse.

A maçã mergulhou no rio, intacta.

— Viu? — Roone confirmou.

— O dia em que se acertam todos os alvos é aquele em que se para de melhorar — Alleras desprende a corda do arco e o enfiou em seu estojo de couro. O arco fora esculpido em amagodouro, madeira rara e lendária das Ilhas do Verão. Pate tentara dobrá-lo uma vez e falhara. *Esfinge parece franzino, mas há força naqueles braços magros*, refletiu, enquanto Alleras passava uma perna por sobre o banco e estendia a mão para a taça de vinho. — O dragão tem três cabeças — anunciou em sua arrastada pronúncia dornesa.

— Isso é um enigma? — Roone quis saber. — Nas histórias, as esfinges sempre falam por enigmas.

— Não é enigma nenhum — Alleras bebericou o vinho. Os outros emborcavam canecas da cidra terrivelmente forte pela qual o Pena e Caneca era famoso, mas ele preferia os estranhos vinhos doces do país da mãe. Mesmo em Vilavelha, tais vinhos não se obtinham a baixo preço.

Fora Leo Preguiçoso quem apelidara Alleras de “o Esfinge”. Uma esfinge é um pouco disso, um pouco daquilo: rosto humano, corpo de um leão, asas de um falcão. Alleras era igual: pai dornês e a mãe uma mulher de pele negra das Ilhas do Verão. Sua pele era escura como teca. E, tal como as esfinges de mármore verde que guardavam o portão principal da Cidadela, Alleras tinha olhos de ônix.

— Nunca nenhum dragão teve três cabeças, exceto em escudos e bandeiras — disse

Armen, o Acólito, com firmeza. — Isso é um símbolo heráldico, nada mais. Além disso, os Targaryen estão todos mortos.

— Nem todos — disse Alleras. — O Rei Pedinte tinha uma irmã.

— Achava que a cabeça dela tinha sido esmagada contra uma parede — Roone interveio.

— Não — Alleras respondeu. — Foi a cabeça do jovem filho do príncipe Rhaegar que foi atirada contra uma parede pelos bravos homens do Leão de Lannister. Estamos falando da irmã de Rhaegar, nascida em Pedra do Dragão antes de o castelo cair. Aquela a quem chamaram Daenerys.

— *A Nascida na Tormenta*. Agora me lembro — Mollander ergueu bem alto a caneca, agitando a cidra que restava. — A ela! — emborcou, bateu com a caneca vazia na mesa, arrotou e limpou a boca com as costas da mão. — Onde está Rosey? Nossa legítima rainha merece outra rodada de cidra, não acha?

Armen, o Acólito, pareceu assustado.

— Baixe a voz, imbecil. Nem devia brincar com essas coisas. Nunca se sabe quem pode estar ouvindo. A Aranha tem ouvidos por todo lado.

— Oh, não mije nas calças, Armen. Estava propondo uma nova rodada, não uma rebelião.

Pate ouviu um risinho abafado. Uma voz suave e zombeteira gritou atrás dele.

— Sempre soube que você era um traidor, Salto de Rã — Leo Preguiçoso estava encostado à entrada da antiga ponte de pranchas, envolto em cetim listrado de verde e dourado, com meia capa de seda negra presa ao ombro por uma rosa de jade. Pela cor das manchas, o vinho que deixara pingar na parte da frente do traje era um tinto robusto. Uma madeixa de seus cabelos loiro-acinzentados caía-lhe por sobre um olho.

Mollander irritou-se ao vê-lo.

— Que se dane você. Vá embora. Não é bem-vindo aqui. — Alleras pousou-lhe uma mão no braço, para acalmá-lo, enquanto Armen franzia as sobrancelhas.

— Leo. Senhor. Julgava que ainda estaria confinado à Cidadela por...

— ... mais três dias — Leo Preguiçoso encolheu os ombros. — Perestan diz que o mundo tem quarenta mil anos. Mollos, que tem quinhentos mil. Que são três dias, eu lhe pergunto? — Embora houvesse uma dúzia de mesas vazias na varanda, Leo sentou-se na deles. — Pague-me uma taça de dourado da Árvore, Salto de Rã, e eu talvez não informe meu pai sobre seu brinde. As pedras viraram-se contra mim na Sorte Xadrez, e desperdiçei meu último veado no jantar. Leitão com molho de ameixas, recheado com castanhas e trufas brancas. Um homem precisa comer. O que vocês comeram, rapazes?

— Carneiro — Mollander resmungou. Não soava nada satisfeito com aquilo. — Dividimos um quarto de carneiro cozido.

— Estou certo de que ficaram satisfeitos — Leo virou-se para Alleras. — O filho de um senhor devia ser generoso, Esfinge. Soube que ganhou seu elo de cobre. Bebo a isso.

Alleras deu um sorriso.

— Eu só pago aos amigos. E não sou nenhum filho de senhor, já lhe disse. Minha mãe era uma mercadora.

Os olhos de Leo eram cor de avelã, e brilhavam de vinho e malícia.

— Sua mãe era uma macaca das Ilhas do Verão. Os dorneses fodem qualquer coisa que tenha um buraco entre as pernas. Sem ofensa. Pode ser castanho como uma noz, mas pelo menos toma banho. Ao contrário de nosso criador de porcos malhados — indicou Pate com um aceno de mão.

Se batesse na boca dele com a caneca, podia partir metade de seus dentes, Pate pensou. Pate Malhado, o criador de porcos, era o herói de mil histórias libertinas: um rústico de bom coração e cabeça vazia que sempre conseguia vencer os fidalgotes gordos, os altivos cavaleiros e os septões pomposos que lhe criavam dificuldades. De algum modo, sua estupidez revelava ser uma espécie de astúcia rude; as histórias terminavam sempre com Pate Malhado sentado no cadeirão de um lorde ou dormindo com a filha de um cavaleiro. Mas eram só histórias. No mundo real, os criadores de porcos nunca se davam tão bem. Às vezes, Pate achava que a mãe devia odiá-lo para lhe ter dado o nome que dera.

Alleras já não sorria mais.

— Vá pedir desculpa.

— Ah, vou? — Leo retrucou. — Como poderia, com minha garganta tão seca...

— Envergonha sua Casa com cada palavra que pronuncia — disse-lhe Alleras. — Envergonha a Cidadela por ser um de nós.

— Eu sei. Por isso pague-me um pouco de vinho, para que eu possa afogar minha vergonha.

Mollander falou:

— Eu gostaria de arrancar sua língua pela raiz.

— Sério? E como é que eu lhe contaria sobre os dragões? — Leo voltou a encolher os ombros. — O mestiço tem razão. A filha do Rei Louco está viva e conseguiu fazer nascer três dragões.

— Três? — Roone exclamou, espantado.

Leo deu-lhe palmadinhas na mão.

— Mais do que dois e menos do que quatro. Se eu fosse você, não tentaria ganhar o elo dourado por enquanto.

— Deixe-o em paz — Mollander o avisou.

— Que Salto de Rã tão cavalheiresco. Como quiser. Todos os homens de todos os navios que velejaram a menos de quinhentos quilômetros de Qarth estão falando sobre esses dragões. Alguns até lhes dirão que os viram. O Mago está inclinado a crer neles.

Armen comprimiu os lábios em desaprovação:

— Marwyn é insano. Arquimeistre Perestan seria o primeiro a lhe dizer isso.

— Arquimeistre Ryam diz o mesmo — Roone rebateu.

Leo bocejou:

— O mar é molhado, o sol é quente e os animais enjaulados odeiam o cão de guarda.

Ele tem um nome zombeteiro para todo mundo, Pate pensou, mas não podia negar que Marwyn se parecia mais com um cão de guarda do que com um mestre. *É como se quisesse nos morder*. O Mago não era como os outros mestres. Diziam que se fazia acompanhar de prostitutas e de feiticeiros andantes, que falava com ibbeneses peludos e ilhéus do verão negros como breu na própria língua desses povos, e fazia sacrifícios a deuses estranhos nos pequenos templos dos marinheiros que se erguiam junto aos cais. Os homens falavam que o tinham visto na parte erma da cidade, em arenas de ratazanas e bordéis sujos, na companhia de pantomimeiros, cantores, mercenários e até pedintes. Alguns chegavam mesmo a sussurrar que certa vez ele matara um homem com os punhos.

Quando Marwyn regressou a Vilavelha, depois de passar oito anos no leste mapeando terras distantes, buscando livros perdidos e aprendendo com magos e umbromantes, Vinnagre Vaellyn apelidara-o de “Marwyn, o Mago”. O nome espalhara-se rapidamente por toda Vilavelha, para grande aborrecimento de Vaellyn.

“Deixe os feitiços e as preces para os sacerdotes e os septões, e direcione a inteligência

para a aprendizagem de verdades em que um homem possa confiar”, aconselhara arquimeistre Ryam certa vez a Pate, mas o anel, o bastão e a máscara de Ryam eram de ouro amarelo, e sua corrente de meistre não incluía um elo de aço valiriano.

Armen olhou ao longo do nariz para Leo Preguiçoso. Tinha o nariz perfeito para isso, comprido, estreito e pontiagudo.

— Arquimeistre Marwyn acredita em muitas coisas curiosas — disse —, mas não tem mais provas dos dragões do que Mollander. Só tem mais histórias de marinheiro.

— Está enganado — Leo respondeu. — Há uma vela de vidro ardendo nos aposentos do Mago.

Um silêncio caiu sobre a varanda iluminada por archotes. Armen suspirou e balançou a cabeça. Mollander pôs-se a rir. Esfinge estudou Leo com seus grandes olhos negros. Roone pareceu não compreender.

Pate sabia das velas de vidro, embora nunca tivesse visto uma ardendo. Eram o segredo mais mal guardado da Cidadela. Dizia-se que tinham sido trazidas de Valíria para Vilavelha mil anos antes da Perdição. Ouvira dizer que havia quatro; uma verde e três negras, e todas altas e retorcidas.

— O que são essas velas de vidro? — Roone quis saber.

Armen, o Acólito, pigarreou:

— Antes de um acólito proferir seus votos, deve passar a noite anterior de vigília na cripta. Não lhe é permitido archote, lâmpada, lanterna ou círio... só uma vela de obsidiana. Tem de passar a noite na escuridão, a menos que seja capaz de acendê-la. Alguns tentam. Os tolos e os teimosos, aqueles que estudaram os ditos mistérios superiores. É frequente cortarem os dedos, pois dizem que as arestas da vela são afiadas como navalhas. Então, com mãos ensanguentadas, têm de esperar a alvorada pensando em seu fracasso. Homens mais sensatos vão simplesmente dormir, ou passam a noite em oração, mas todos os anos há sempre alguns que precisam tentar.

— Sim — Pate ouvira as mesmas histórias. — Mas para que serve uma vela que não ilumina?

— É uma lição — Armen explicou —, a última lição que temos de aprender antes de colocar nossa corrente de meistre. A vela de vidro representa a verdade e a aprendizagem, coisas raras, belas e frágeis. Tem a forma de uma vela para nos lembrar que um meistre deve iluminar o lugar em que presta serviço, e é afiada para nos lembrar que o conhecimento pode ser perigoso. Os sábios podem se tornar arrogantes com sua sabedoria, mas um meistre deve permanecer sempre humilde. A vela de vidro também nos lembra disso. Mesmo depois de ter proferido os votos, colocado a corrente e partido para servir, um meistre recordará a escuridão de sua vigília e se lembrará de que nada do que tentou conseguiu fazer com que a vela acendesse... pois, mesmo com o conhecimento, algumas coisas não são possíveis.

Leo Preguiçoso desatou a rir:

— Não são possíveis para você, quer dizer. Vi a vela ardendo com meus próprios olhos.

— Você viu *uma* vela ardendo, não duvido — Armen rebateu. — Uma vela de cera negra, talvez.

— Sei o que vi. A luz era estranha e brilhante, muito mais brilhante do que a de qualquer vela de cera de abelha ou de sebo. Criava sombras estranhas e a chama nunca oscilava, nem mesmo quando uma brisa soprou pela porta aberta atrás de mim.

Armen cruzou os braços:

— A obsidiana não arde.

— *Vidro de dragão* — Pate completou. — O povo a chama de vidro de dragão — não sabia por quê, mas aquilo lhe parecia importante.

— Pois que chame — meditou Alleras, o Esfinge —, e se houver de novo dragões no mundo...

— Dragões e coisas mais sombrias — Leo completou. — As ovelhas cinzentas fecharam os olhos, mas o cão de guarda vê a verdade. Velhos poderes acordam. Sombras se agitam. Uma era de maravilha e terror cairá em breve sobre nós, uma era para deuses e heróis — espreguiçou-se, exibindo seu sorriso indolente. — Isso vale uma rodada, creio eu.

— Já bebemos o suficiente — Armen os alertou. — A manhã chegará mais depressa do que gostaríamos, e o arquimeistre Ebrose falará sobre as propriedades da urina. Aqueles que pretendem forjar um elo de prata fariam bem em comparecer à palestra.

— Longe de mim afastar vocês da prova de mijo — Leo caçoou. — Cá pra nós, prefiro o sabor do dourado da Árvore.

— Se a escolha for entre você e o mijo, eu bebo o mijo. — Mollander afastou-se da mesa. — Venha, Roone.

Esfinge estendeu a mão para o estojo do arco.

— Para mim também é cama. Imagino que sonharei com dragões e velas de vidro.

— Todos? — Leo encolheu os ombros. — Bem, a Rosey fica. Talvez acorde nossa pequena doçura e faça dela uma mulher.

Alleras viu a expressão no rosto de Pate.

— Se ele não tem um tostão para uma taça de vinho, não pode ter um dragão para a garota.

— Sim — Mollander concordou. — Além disso, é preciso ser homem para fazer de uma garota uma mulher. Venha, Pate. O velho Walgrave acordará quando o sol nascer. Ele vai precisar da sua ajuda para ir à latrina.

Se hoje se lembrar de quem sou. O arquimeistre Walgrave não tinha dificuldade em distinguir os corvos uns dos outros, mas não era tão bom com as pessoas. Havia dias em que parecia pensar que Pate era alguém chamado Cressen.

— Ainda não — disse aos amigos. — Vou ficar por algum tempo — a alvorada ainda não romperá, não propriamente. O alquimista ainda podia aparecer, e Pate pretendia estar ali se viesse.

— Como quiser — Armen assentiu. Alleras lançou um olhar demorado a Pate, depois pendurou o arco num ombro magro e seguiu os outros na direção da ponte. Mollander estava tão bêbado que tinha de caminhar apoiado no ombro de Roone para não cair. A Cidadela não ficava a grande distância em voo de corvo, mas nenhum deles era um corvo, e Vilavelha era um verdadeiro labirinto, cheia de ruelas, vielas entrecruzadas e ruas estreitas e tortuosas.

— Cuidado — ouviu Armen dizer quando as névoas do rio engoliram os quatro —, a noite está úmida e as pedras estarão escorregadias.

Quando desapareceram, Leo Preguiçoso observou amargamente Pate por cima da mesa.

— Que tristeza. Esfinge escapuliu-se com toda sua prata, abandonando-me ao Pate Malhado, o criador de porcos — espreguiçou-se, bocejando. — Diga lá, como anda nossa adorável Roseyzinha?

— Está dormindo — Pate respondeu secamente.

— Nua, com certeza — Leo abriu um sorriso. — Acha que ela vale mesmo um dragão? Suponho que um dia terei de verificar.

Pate sabia que não era boa ideia responder àquilo.

Leo não precisava de resposta.

— Suponho que, uma vez que eu rasgue a garota, seu preço caia de forma que até criadores de porcos consigam pagá-la. Devia me agradecer.

Devia matar você, pensou Pate, mas estava longe de se encontrar suficientemente bêbado para jogar a vida fora. Leo recebera treinamento em armas e tinha fama de ser mortífero com a espada de sicário e o punhal. E se Pate, de algum modo, conseguisse matá-lo, isso lhe custaria também a cabeça. Leo tinha dois nomes, enquanto Pate não possuía mais do que um, e o segundo era Tyrell. Sor Moryn Tyrell, comandante da Patrulha da Cidade de Vilavelha, era pai de Leo. Mace Tyrell, Senhor de Jardim de Cima e Guardião do Sul, era seu primo. E o Velho de Vilavelha, lorde Leyton da Torralta, que incluía “Protetor da Cidadela” entre seus muitos títulos, era vassalo juramentado à Casa Tyrell. *Deixe estar*, disse Pate a si mesmo. *Ele diz essas coisas só para me ferir.*

As névoas estavam se iluminando a leste. A alvorada, Pate compreendeu. *A alvorada chegou, e o alquimista não.* Não sabia se deveria rir ou chorar. *Ainda serei um ladrão se devolver tudo e ninguém souber de nada?* Era outra pergunta para a qual não tinha resposta, como aquelas que Ebrose e Vaellyn lhe tinham feito outrora.

Quando se afastou do banco e se levantou, a cidra terrivelmente forte lhe subiu à cabeça toda de uma vez. Teve de se apoiar na mesa para se equilibrar.

— Deixe Rosey em paz — disse, ao modo de despedida. — Deixe-a em paz, senão pode ser que eu o mate.

Leo Tyrell afastou os cabelos do olho num movimento rápido:

— Não travo duelos com criadores de porcos. Vá embora.

Pate virou-se e atravessou a varanda. Seus calcanhares ressoaram nas desgastadas tábuas da velha ponte. Quando chegou ao outro lado, o céu oriental tornava-se rosado. *O mundo é grande*, disse a si mesmo. *Se comprasse o tal burro, ainda poderia vagar pelas estradas e pelos atalhos dos Sete Reinos, sangrando o povo e catando-lhe lândeas dos cabelos. Podia oferecer-me num navio qualquer, puxar um remo e velejar para Qarth, a dos Portões de Jade, para ver esses malditos dragões com meus próprios olhos. Não preciso voltar para o velho Walgrave e os corvos.*

Mas, sem saber como, os pés o levaram na direção da Cidadela.

Quando o primeiro raio de sol perfurou as nuvens a leste, os sinos matinais começaram a repicar no Septo do Marinheiro junto ao porto. O Septo do Senhor juntou-se ao primeiro um momento mais tarde, seguido pelos Sete Santuários em seus jardins do outro lado do Vinhomel e, por fim, o Septo Estrelado, que fora a sede do alto septão durante os mil anos que antecederam o desembarque de Aegon em Porto Real. Compunham uma música poderosa. *Embora não tão doce quanto a de um pequeno rouxinol.*

Também ouvia cantos sob o repique dos sinos. Todas as manhãs, à primeira luz da aurora, os sacerdotes vermelhos reuniam-se para dar as boas-vindas ao sol no exterior de seu modesto templo erguido junto aos cais. *Pois a noite é escura e cheia de terrores.* Pate ouvira-os gritar aquelas palavras uma centena de vezes, pedindo ao seu deus R'hllor para protegê-los da escuridão. Os Sete eram deuses suficientes para ele, mas ouvira dizer que Stannis Baratheon orava agora às fogueiras noturnas. Até pusera o coração flamejante de R'hllor em seus estandartes, em vez do veado coroadado. *Se ele conquistar o Trono de Ferro, vamos todos ter de aprender a letra da canção dos sacerdotes vermelhos*, Pate pensou, mas isso não era provável. Tyrion Lannister esmagara Stannis e R'hllor na Água Negra, e em breve acabaria com eles e espetaria a cabeça do pretendente Baratheon num espigão por cima dos portões de Porto Real.

À medida que as névoas da noite se dissipavam, Vilavelha ia tomando forma à sua volta, emergindo fantasmagoricamente das sombras que antecediam a alvorada. Pate nunca vira Porto Real, mas sabia que era uma cidade de taipa, uma extensão de ruas lamacentas, telhados de colmo e telheiros de madeira. Vilavelha era construída em pedra, e todas as suas ruas eram calçadas com pedras, até a mais erma das vielas. A cidade nunca era tão bela como ao romper da aurora. A oeste do Vinhomel, as sedes das guildas ladeavam a margem como uma fileira de palácios. A montante, as cúpulas e torres da Cidadela erguiam-se de ambos os lados do rio, ligadas por pontes de pedra repletas de casas e edifícios públicos. A jusante, sob as muralhas de mármore negro e janelas arqueadas do Septo Estrelado, as mansões dos piedosos aglomeravam-se como crianças reunidas em torno dos pés de uma velha viúva rica.

Mais adiante, onde o Vinhomel se alargava e mergulhava na Enseada dos Murmúrios, erguia-se a Torralta, com suas fogueiras de aviso brilhantes contra o fundo da aurora. Do local onde se erguia no topo das escarpas da Ilha da Batalha, sua sombra cortava a cidade como uma espada. Os nascidos e criados em Vilavelha sabiam dizer as horas pelo ponto onde a sombra caía. Alguns falavam que do topo da torre se conseguia ver tudo, até a Muralha. Talvez fosse por isso que lorde Leyton não descia havia mais de uma década, preferindo governar sua cidade a partir das nuvens.

A carroça de um açougueiro passou por Pate tropejando ao longo da estrada do rio, levando cinco leitões que guinchavam aflitos. Afastando-se de seu caminho, evitou por pouco ser salpicado quando uma mulher esvaziou um balde de dejetos noturnos de uma janela por cima dele. *Quando for um mestre num castelo, terei um cavalo para montar*, pensou. Então, tropeçou numa pedra e perguntou a si mesmo quem estava tentando enganar. Para ele não haveria corrente, lugar de honra à mesa de um senhor ou um alto cavalo branco para montar. Seus dias seriam passados ouvindo o *cuorc* dos corvos e lavando manchas de merda da roupa íntima do arquimeistre Walgrave.

Estava apoiado num joelho, tentando limpar a lama de sua veste, quando uma voz soou:

— Bom dia, Pate.

O alquimista estava de pé ao seu lado.

Pate se levantou:

— O terceiro dia... disse que estaria no Pena e Caneca.

— Você estava com amigos. Não desejei me intrometer em sua camaradagem — o alquimista trajava um manto de viagem com capuz marrom e ordinário. O sol nascente espreitava por sobre os telhados atrás do seu ombro, tornando difícil distinguir o rosto dentro do capuz. — Já decidiu o que é?

Será que ele precisa me obrigar a dizer?

— Suponho que sou um ladrão.

— Achei que talvez fosse.

A parte mais difícil tinha sido se agachar para puxar o cofre que estava sob a cama do arquimeistre Walgrave. Embora o cofre fosse robusto e reforçado com ferro, sua fechadura estava quebrada. Mestre Gormon suspeitava que Pate a danificara, mas não era verdade. Fora o próprio Walgrave quem quebrara a fechadura, depois de perder a chave que a abria.

Lá dentro, Pate encontrara um saco de veados de prata, uma madeixa de cabelos loiros atada com uma fita, uma miniatura pintada de uma mulher que se assemelhava a Walgrave (até no bigode) e uma manopla de cavaleiro feita de aço articulado, que pertencera a um

príncipe, segundo Walgrave afirmava, embora já não parecesse ser capaz de se lembrar de qual deles. Quando Pate a sacudira, a chave caíra no chão.

Se eu a pegar, serei um ladrão, lembrava-se de ter pensado. A chave era velha e pesada, feita de ferro negro; supostamente abria todas as portas da Cidadela. Só os arquimeistres possuíam chaves como aquela. Os outros transportavam as suas consigo ou as escondiam em algum local seguro, mas se Walgrave tivesse escondido a sua, nunca mais ninguém a veria. Pate pegou a chave e percorreu metade do caminho até a porta antes de voltar e pegar também a prata. Um ladrão era um ladrão, quer roube muito ou pouco. “*Pate*”, chamara um dos corvos brancos, “*Pate, Pate, Pate.*”

— Tem o meu dragão? — perguntou ao alquimista.

— Se você tiver o que quero.

— Dê-me aqui. Quero ver — Pate não tencionava permitir que o enganassem.

— A estrada do rio não é lugar para isso. Venha.

Não teve tempo de pensar, de pesar suas alternativas. O alquimista se afastava. Pate tinha de segui-lo ou perderia tanto Rosey quanto o dragão, e para sempre. E foi o que fez. Enquanto caminhavam, enfiou a mão na manga. Conseguia sentir a chave, em segurança, dentro do bolso escondido que cosera ali. As vestes de mestre tinham bolsos por todo lado. Pate sabia disso desde rapaz.

Tinha de se apressar para conseguir acompanhar os passos mais longos do alquimista. Desceram por uma viela, viraram uma esquina, atravessaram o antigo Mercado dos Ladrões, percorreram a Ruela do Trapeiro. Por fim, o homem entrou em outra viela, mais estreita do que a primeira.

— Já chega — Pate disse. — Não há ninguém à nossa volta. Faremos a troca aqui.

— Como quiser.

— Quero o meu dragão.

— Com certeza — a moeda surgiu. O alquimista a fez caminhar por sobre os nós dos dedos, da mesma maneira que fizera quando Rosey os apresentara. À luz da manhã o dragão cintilava enquanto se movia, e dava aos dedos do alquimista um brilho dourado.

Pate tirou a moeda da mão do outro. O ouro lhe parecia morno contra a pele da mão. Levou-o à boca e o trincou, como vira os homens fazer. Para falar a verdade, não tinha certeza de qual deveria ser o sabor do ouro, mas não queria parecer um tolo.

— A chave? — o alquimista perguntou educadamente.

Algo levou Pate a hesitar.

— É algum livro que deseja? — dizia-se que alguns dos velhos pergaminhos valirianos trancados nas galerias subterrâneas eram as únicas cópias que restavam no mundo.

— O que eu quero não é da sua conta.

— Não. — *Está feito*, disse Pate a si mesmo. *Vá. Corra de volta ao Pena e Caneca, acorde Rosey com um beijo e diga-lhe que te pertence*. Mas, ainda assim, deixou-se ficar. — Mostre-me seu rosto.

— Como quiser — o alquimista tirou o capuz.

Era apenas um homem, e seu rosto era apenas isso. Um rosto de jovem, comum, com faces cheias e a sombra de uma barba. Uma tênue cicatriz entrevia-se na bochecha direita. Tinha um nariz adunco e uma densa cabeleira preta que se encaracolava, bem apertada, em volta das orelhas. Não era um rosto que Pate reconhecesse.

— Não o conheço.

— Nem eu a ti.

— Quem é você?

— Um estranho. Ninguém. De verdade.

— Oh — Pate ficara sem palavras. Pegou a chave e a pousou na mão do estranho, sentindo a cabeça leve, quase com vertigens. *Rosey*, recordou a si mesmo. — Então é tudo.

Já tinha percorrido metade da viela quando o chão de pedras começou a se mover sob seus pés. *As pedras estão escorregadias e úmidas*, pensou, mas não era isso. Sentia o coração martelando no peito.

— O que está acontecendo? — perguntou. Suas pernas tinham se transformado em água. — Não compreendo.

— E nunca compreenderás — respondeu uma voz num tom triste.

O chão de pedras saltou para beijar o rapaz. Pate tentou gritar por ajuda, mas a voz também falhou.

Seu último pensamento foi para *Rosey*.

○ PROFETA

O PROFETA ESTAVA AFOGANDO HOMENS em Grande Wyk quando vieram lhe dizer que o rei estava morto.

Era uma manhã fria e de ventania, e o mar mostrava o mesmo tom plúmbeo do céu. Os primeiros três homens tinham oferecido sem temor suas vidas ao Deus Afogado, mas o quarto era fraco na fé e começou a se debater quando os pulmões gritaram por ar. Mergulhado até a cintura na rebentação, Aeron segurou o rapaz nu pelos ombros e lhe empurrou a cabeça para baixo quando ele tentou inspirar um pouco de ar.

— Tenha coragem — ordenou. — Viemos do mar e ao mar temos de regressar. Abra a boca e beba profundamente a bênção de Deus. Encha os pulmões de água, para que possa morrer e renascer. De nada adianta resistir.

Ou o rapaz não conseguia ouvir com a cabeça submersa nas ondas, ou a fé o tinha abandonado por completo. Desatou a espernear e a se sacudir com tamanha violência que Aeron teve de pedir ajuda. Quatro de seus afogados entraram na água para segurar o desgraçado e mantê-lo submerso.

— Senhor Deus que se afogou por nós — orou o sacerdote, numa voz profunda como o mar —, permita que Emmond, seu servo, renasça do mar, assim como você. Abençoe-o com sal, abençoe-o com pedra, abençoe-o com aço.

Por fim, terminou. Não havia mais bolhas de ar saindo da boca do rapaz, e toda a força sumira de seus membros. Emmond flutuava de cabeça para baixo no mar pouco profundo, branco, frio e em paz.

Foi então que Cabelo Molhado percebeu que três cavaleiros tinham se juntado aos seus afogados na costa pedregosa. Aeron conhecia Sparr, um velho com rosto de machadinha e olhos lacrimejantes, cuja voz trêmula era lei naquela parte de Grande Wyk. Seu filho Steffarion acompanhava-o, com outro jovem, cujo manto vermelho-escuro e forrado de peles estava preso ao ombro com um ornamentado broche que mostrava o berrante negro e dourado dos Goodbrother. *Um dos filhos de Gorold*, decidiu o sacerdote num relance. A esposa de Goodbrother dera tardiamente à luz três filhos altos, após uma dúzia de filhas, e dizia-se que não havia homem capaz de distinguir um filho dos demais. Aeron Cabelo Molhado não se dignou a tentar. Fosse aquele Greydon, Gormond ou Gran, o sacerdote não tinha tempo para ele.

Rosnou uma ordem brusca, e seus afogados pegaram o rapaz morto pelos braços e pelas pernas para levá-lo até acima da linha da maré. O sacerdote os seguiu, vestido apenas com uma tanga de pele de foca que lhe cobria as partes íntimas. Encharcado e com os pelos arrepiados, voltou para a terra, atravessando a areia molhada e fria e os seixos polidos pelo mar. Um de seus afogados entregou-lhe uma veste de pesado tecido grosseiro, tingido com tons variados de verde, azul e cinza, as cores do mar e do Deus Afogado. Aeron envergou a veste e soltou os cabelos. Negros e molhados; nenhuma lâmina lhes tocara desde que o mar o erguera. Envolviam-lhe os ombros como um manto esfarrapado e filamentosos, e caíam-lhe até abaixo da cintura. Aeron entrançava neles cordões de algas, e fazia o mesmo na barba emaranhada e por cortar.

Seus afogados formavam um círculo em volta do rapaz morto, orando. Norjen trabalhava com seus braços, enquanto Rus estava sentado sobre o rapaz, comprimindo-lhe ritmicamente o peito, mas todos se afastaram para deixar Aeron passar. Ele abriu os lábios frios do

rapaz e deu a Emmond o beijo da vida, e voltou a dá-lo, e de novo, até que o mar jorrou de sua boca. O rapaz pôs-se a tossir e a cuspir, e seus olhos se abriram, cheios de medo.

Outro que regressou. Era um sinal do favor do Deus Afogado, diziam os homens. Todos os outros sacerdotes perdiam alguém de vez em quando, até Tarle, o Três Vezes Afogado, que um dia fora considerado tão santo que acabara escolhido para coroar um rei. Mas Aeron Greyjoy, nunca. Ele era o Cabelo Molhado, aquele que vira os salões aquáticos do próprio deus e regressara para falar deles.

— Erga-se — disse ao rapaz ofegante enquanto lhe dava uma palmada nas costas nuas. — Afogou-se e nos foi devolvido. O que está morto não pode morrer.

— Mas volta — o rapaz tossiu violentamente, cuspidando mais água. — Volta a se erguer — cada palavra era arrancada com dor, mas o mundo era assim; um homem tinha de lutar para viver. — Volta a se erguer — Emmond pôs-se instavelmente em pé. — Mais duro. E mais forte.

— Agora pertence ao deus — disse-lhe Aeron. Os outros afogados reuniram-se em volta do rapaz e todos lhe deram um soco e um beijo de boas-vindas à irmandade. Um deles o ajudou a colocar uma veste de tecido grosseiro tingido com tons variados de verde, azul e cinza. Outro o presenteou com uma maçã feita de madeira trazida pelo mar. — Agora pertence ao mar, e por isso o mar o armou — disse Aeron. — Oramos para que manejes sua maçã com ferocidade contra todos os inimigos de nosso deus.

Só então o sacerdote se virou para os três cavaleiros que observavam de cima das selas.

— Vieram para ser afogados, senhores?

Sparr tossiu.

— Fui afogado quando jovem — disse —, e meu filho, no dia de seu nome.

Aeron soltou uma fungadela. Que Steffarion Sparr fora entregue ao Deus Afogado pouco depois de nascer não duvidava. Também conhecia o modo como isso acontecera, um rápido mergulho numa tina de água do mar que quase não molhara a cabeça do bebê. Pouco admirava que os homens de ferro tivessem sido conquistados, eles, que outrora dominavam todos os locais onde se conseguia ouvir o som das ondas.

— Aquilo não foi um verdadeiro afogamento — disse aos cavaleiros. — Aquele que não morre de verdade não pode esperar se erguer da morte. Por que vieram, se não foi para demonstrar sua fé?

— O filho de lorde Gorold veio procurá-lo, com notícias — Sparr indicou o jovem de manto vermelho.

O rapaz parecia não ter mais de dezesseis anos.

— Sim, e você é qual deles? — Aeron quis saber.

— Gormond. Gormond Goodbrother, se lhe aprouver.

— É ao Deus Afogado que devemos aprazer. Você foi afogado, Gormond Goodbrother?

— No dia do meu nome, Cabelo Molhado. Meu pai mandou que o procurasse e o levasse até ele. Precisa vê-lo.

— Aqui estou eu. Que lorde Gorold venha e banqueteie os olhos — Aeron pegou um odre de couro que Rus lhe entregara depois de enchê-lo com a água do mar. O sacerdote tirou a rolha e bebeu um gole.

— Devo levá-lo até a fortaleza — insistiu o jovem Gormond de cima de seu cavalo.

Ele tem medo de desmontar, um cuidado para não molhar as botas.

— Tenho trabalho do deus a fazer. — Aeron Greyjoy era um profeta. Não admitia que pequenos senhores lhe ordenassem o que fazer como se fosse um servo.

— Gorold recebeu uma ave — disse Sparr.

— Uma ave de mestre, vinda de Pyke — confirmou Gormond.

Asas escuras, palavras escuras.

— Os corvos voam sobre sal e pedra. Se há notícias que me dizem respeito, pode falar.

— As notícias que trazemos são apenas para seus ouvidos, Cabelo Molhado — Sparr retrucou. — Não são assuntos que eu queira falar aqui, diante dos outros.

— *Esses outros* são meus afogados, servos do deus, assim como eu. Não tenho segredos para eles, nem para o nosso deus, junto a cujo mar me encontro.

Os cavaleiros trocaram um olhar.

— Diga a ele — Sparr encorajou o jovem do manto vermelho, que então reuniu coragem.

— O rei está morto — disse, com toda a simplicidade. Quatro pequenas palavras, e no entanto o próprio mar tremeu quando as pronunciou.

Havia quatro reis em Westeros, mas Aeron não precisou perguntar sobre qual deles se falava. Balon Greyjoy, e nenhum outro, governava as Ilhas de Ferro. *O rei está morto. Como pode ser?* Aeron vira o irmão mais velho ainda não havia uma volta de lua, quando regressara às Ilhas de Ferro depois de assolar a Costa Pedregosa. Os cabelos grisalhos de Balon tinham se tornado quase brancos enquanto o sacerdote andara distante, e a inclinação de seus ombros pronunciara-se mais desde quando os dracares tinham partido. Mas, apesar disso, o rei não parecera enfermo.

Aeron Greyjoy construía sua vida sobre dois poderosos pilares. Aquelas quatro pequenas palavras tinham derrubado um deles. *Só me resta o Deus Afogado. Que me torne tão forte e incansável quanto o mar.*

— Conte-me como meu irmão morreu.

— Sua Graça atravessava uma ponte em Pyke quando caiu e foi atirado contra as rochas.

O castelo Greyjoy erguia-se sobre um promontório irregular, e suas torres e fortalezas tinham sido construídas no topo de maciças colunas de pedra que se projetavam do mar. Pontes uniam Pyke; pontes em arco de pedra esculpida e pontes suspensas de corda de cânhamo e tábuas de madeira.

— A tempestade soprava quando ele caiu? — perguntou-lhes Aeron.

— Sim — o jovem respondeu —, soprava.

— O Deus da Tempestade o derrubou — anunciou o sacerdote. Fazia um milhar de milhares de anos que o mar e o céu estavam em guerra. Do mar tinham vindo os homens de ferro, e os peixes que os sustentavam mesmo no auge do inverno, mas as tempestades traziam apenas angústia e desgosto. — Meu irmão Balon nos tornou grandes novamente, e isso atraiu a ira do Deus da Tempestade. Agora banqueteia-se nos salões aquáticos do Deus Afogado, com sereias obedecendo ao seu mínimo desejo. Caberá a nós, que ficamos para trás neste vale seco e sombrio, terminar sua grande obra — voltou a tampar o odre. — Falarei com o senhor seu pai. A que distância estamos de Cornartelo?

— Trinta quilômetros. Pode cavalgar comigo.

— Um cavalga mais depressa do que dois. Dê-me seu cavalo, e o Deus Afogado o abençoará.

— Leve meu cavalo, Cabelo Molhado — Steffarion Sparr ofereceu.

— Não. A montaria dele é mais forte. O seu cavalo, rapaz.

O jovem hesitou por meio segundo, após o que desmontou e entregou as rédeas a Cabelo Molhado. Aeron enfiou um pé descalço e negro num estribo e subiu para a sela.

Não gostava de cavalos, eram criaturas das terras verdes e ajudavam a tornar os homens fracos, mas a necessidade obrigava a cavalgada. *Asas escuras, palavras escuras.* Uma tempestade estava se formando, ouvia-a nas ondas, e as tempestades nada traziam que não fosse maligno.

— Encontrem-me em Seixeira, sob a torre de lorde Merlyn — disse aos seus afogados, enquanto virava a cabeça do cavalo.

O caminho era duro, por montes, florestas e desfiladeiros pedregosos, ao longo de uma trilha estreita que com frequência parecia desaparecer sob os cascos dos cavalos. Grande Wyk era a maior das Ilhas de Ferro, tão vasta que alguns de seus senhores tinham propriedades que não faziam fronteira com o mar sagrado. Gorold Goodbrother era um deles. Sua fortaleza ficava nos Montes Pedradura, o mais longe dos domínios do Deus Afogado que se podia estar nas ilhas. Seu povo trabalhava nas minas de Gorold, na escuridão rochosa subterrânea. Alguns viviam e morriam sem pôr os olhos em água salgada. *Pouco admira que uma tal gente seja complicada e estranha.*

Enquanto Aeron cavalgava, seus pensamentos se voltaram para os irmãos.

Nove filhos tinham nascido das virilhas de Quellon Greyjoy, o Senhor das Ilhas de Ferro. Harlon, Quenton e Donel tinham nascido da primeira esposa de Quellon, uma mulher de Pedrarbor. Balon, Euron, Victarion, Urrigon e Aeron eram os filhos da segunda, uma Sunderly de Salésia. Para terceira esposa, Quellon escolhera uma rapariga das terras verdes, que lhe deu um rapaz enfermiço e idiota chamado Robin, o irmão que era melhor esquecer. O sacerdote não tinha memória de Quenton ou Donel, falecidos ainda crianças. Recordava-se de Harlon apenas vagamente, sentado de rosto cinzento e imóvel numa sala de torre sem janelas, e falando em sussurros que se iam tornando mais tênues a cada dia que passava, à medida que a escamagris transformava sua língua e seus lábios em pedra. *Um dia banquetearemos com peixe, juntos, nos salões aquáticos do Deus Afogado, nós quatro, e Urri também.*

Nove filhos tinham nascido das virilhas de Quellon Greyjoy, mas só quatro tinham sobrevivido até a idade adulta. Era assim este mundo frio, onde os homens pescavam no mar, escavavam o solo e morriam, enquanto as mulheres davam à luz crianças de vida breve em camas de sangue e dor. Aeron fora a última e a menor das quatro lulas-gigantes, e Balon o mais velho e o mais ousado, um rapaz feroz e destemido que vivia apenas para devolver aos homens de ferro sua antiga glória. Aos dez anos, escalara os Penhascos de Sílex até a torre assombrada do Senhor Cego. Aos treze conseguia governar os remos de um dracar e dançar a dança dos dedos tão bem quanto qualquer homem das ilhas. Aos quinze velejara com Dagmer Boca Rachada até os Degraus e passara um verão na pilhagem. Matara aí o primeiro homem e tomara as duas primeiras esposas de sal. Aos dezessete Balon capitaneava seu primeiro navio. Era tudo aquilo que um irmão mais velho devia ser, embora nunca tivesse mostrado a Aeron nada, exceto desprezo. *Eu era fraco e cheio de pecado, e desprezo era mais do que merecia. Era melhor ser desprezado por Balon, o Bravo, do que ser amado por Euron Olho de Corvo.* E, se a idade e o desgosto tinham tornado Balon amargo com os anos, tinham-no também deixado mais determinado do que qualquer outro homem vivo. *Ele nasceu como filho de um lorde e morreu como um rei, assassinado por um deus ciumento,* Aeron pensou, *e agora a tempestade está prestes a chegar, uma tempestade como estas ilhas nunca conheceram.*

Há muito já escurecera quando o sacerdote vislumbrou as pontiagudas ameias de ferro de Cornartelo, que tentavam agarrar o crescente da lua. A fortaleza de Gorold tinha um aspecto desajeitado e pesado, e fora construída com grandes pedras cortadas do mon-

te que se erguia por trás dela. Sob as muralhas, as entradas de grutas e antigas minas abriam-se como bocas negras e desdentadas. Os portões de ferro de Cornartelo tinham sido fechados e trancados para a noite. Aeron bateu neles com uma pedra até que o clangor acordou um guarda.

O jovem que o deixou entrar era a imagem de Gormond, cujo cavalo tomara.

— Qual deles é você? — Aeron quis saber.

— Gran. Meu pai o espera lá dentro.

O salão era escuro e amplo, cheio de sombras. Uma das filhas de Gorold ofereceu ao sacerdote um corno de cerveja. Outra avivou um fogo sombrio que gerava mais fumaça do que calor. O próprio Gorold Goodbrother conversava em voz baixa com um homem magro que trajava uma veste de bom tecido cinzento e trazia em volta do pescoço uma corrente de muitos metais que o identificava como um mestre da Cidadela.

— Onde está Gormond? — perguntou Gorold quando viu Aeron.

— Regressa a pé. Mande embora as mulheres, senhor. E o mestre também. — Não gostava de mestres. Seus corvos eram criaturas do Deus da Tempestade, e, desde Urri, não confiava em suas curas. Nenhum homem verdadeiro escolheria uma vida de escravatura nem forjaria uma corrente de servidão para usar em volta do pescoço.

— Gysella, Gwin, deixem-nos — Goodbrother ordenou secamente. — Você também, Gran. O mestre Murenmure ficará.

— Ele sairá.

— Este salão é meu, Cabelo Molhado. Não cabe a você me dizer quem deve ir e quem deve ficar. O mestre fica.

O homem vive longe demais do mar, disse Aeron a si mesmo.

— Então vou embora — disse a Goodbrother. Esteiras secas estalaram sob seus pés descalços e negros quando se virou e se dirigiu à porta. Parecia que tinha cavalgado muito tempo para nada.

Aeron estava quase diante da porta quando o mestre pigarreou e disse:

— Euron Olho de Corvo ocupa a Cadeira de Pedra do Mar.

Cabelo Molhado virou-se. O salão arrefecera de um momento para outro. *Olho de Corvo está a meio mundo de distância. Balon o mandou embora há dois anos, e jurou que se regressasse isso lhe custaria a vida.*

— Conte-me — disse, com voz rouca.

— Entrou em Fidalporto no dia seguinte ao da morte do rei e reclamou o castelo e a coroa na condição de irmão mais velho de Balon — disse Gorold Goodbrother. — Agora está enviando corvos, convocando a Pyke os capitães e os reis de todas as ilhas para dobrarem o joelho e lhe prestarem homenagem como seu rei.

— Não — Aeron Cabelo Molhado não pesou as palavras. — Só um homem devoto pode se sentar na Cadeira de Pedra do Mar. Olho de Corvo não adora nada exceto seu próprio orgulho.

— Esteve em Pyke há não muito tempo e viu o rei — disse Goodbrother. — Balon lhe disse alguma coisa a respeito da sucessão?

Sim. Tinham conversado na Torre do Mar, enquanto o vento uivava do lado de fora das janelas e as ondas se quebravam sem descanso lá embaixo. Balon abanara a cabeça, em desespero, quando ouvira o que Aeron tinha a lhe dizer sobre o último filho que lhe restava.

— Os lobos fizeram dele um fraco, tal como eu temia — dissera o rei. — Rezo ao deus para que o tenham matado, para que não se coloque no caminho de Asha — era esta a

cegueira de Balon; revia-se na filha selvagem e obstinada, e acreditava que ela podia sucedê-lo. Nisso enganava-se, e Aeron tentara lhe dizer isso.

— Nenhuma mulher governará os homens de ferro, nem mesmo uma como Asha — insistira, mas Balon sabia ser surdo para aquilo que não desejava ouvir.

Antes que o sacerdote tivesse tempo de responder a Gorold Goodbrother, a boca do meistre abriu-se mais uma vez.

— Pelo direito, a Cadeira de Pedra do Mar pertence a Theon, ou a Asha, se o príncipe estiver morto. A lei é esta.

— Lei da terra verde — Aeron disse com desprezo. — Que nos interessa isso? Somos homens de ferro, os filhos do mar, os escolhidos do Deus Afogado. Nenhuma mulher pode nos governar, assim como nenhum homem sem deus pode fazê-lo.

— E Victarion? — perguntou Gorold Goodbrother. — Ele tem a Frota de Ferro. Irá Victarion avançar com uma pretensão, Cabelo Molhado?

— Euron é o irmão mais velho... — começou o meistre.

Aeron silenciou-o com um olhar. Fosse em pequenas vilas de pescadores, ou em grandes fortalezas de pedra, um olhar assim de Cabelo Molhado fazia com que donzelas perdessem a força nas pernas e punha crianças aos gritos a correr para junto das mães, e era mais do que o suficiente para dominar o servo com a corrente ao pescoço.

— Euron é mais velho — disse o sacerdote —, mas Victarion é mais devoto.

— Haverá guerra entre eles? — o meistre perguntou.

— Homens de ferro não devem derramar o sangue de homens de ferro.

— Um sentimento piedoso, Cabelo Molhado — disse Goodbrother —, mas não é algo de que seu irmão partilhe. Mandou afogar Sawane Botley por dizer que a Cadeira de Pedra do Mar pertencia por direito a Theon.

— Se ele foi afogado, nenhum sangue foi derramado — Aeron rebateu.

O meistre e o lorde trocaram um olhar.

— Tenho de mandar uma mensagem a Pyke, e logo — disse Gorold Goodbrother. — Cabelo Molhado, gostaria de obter seu conselho. O que será, homenagem ou desafio?

Aeron passou a mão na barba e refletiu. *Vi a tempestade, e seu nome é Euron Olho de Corvo.*

— Por ora, envie apenas silêncio — ele respondeu ao lorde. — Tenho de rezar sobre isso.

— Reze tudo o que quiser — alertou-o o meistre. — Isso não muda a lei. Theon é o legítimo herdeiro, e Asha vem depois.

— *Silêncio!* — Aeron rugiu. — Os homens de ferro passaram tempo demais ouvindo mestres com corrente no pescoço tagarelando sobre as terras verdes e suas leis. É hora de voltarmos a escutar o mar. É hora de escutarmos a voz do deus — sua própria voz ressoou no salão fumacento, tão cheia de poder que nem Gorold Goodbrother nem seu meistre se atreveram a responder. *O Deus Afogado está comigo*, pensou Aeron. *Ele me mostrou o caminho.*

Goodbrother lhe ofereceu o conforto do castelo para a noite, mas o sacerdote declinou. Raramente dormia sob o teto de um castelo, e nunca o fazia tão longe do mar.

— Conhecerei o conforto nos salões aquáticos do Deus Afogado sob as ondas. Nasceremos para sofrer, para que nosso sofrimento nos fortaleça. Não preciso mais do que um cavalo repousado para me levar até Seixeira.

E isso Goodbrother sentiu-se feliz por fornecer. Enviou também o filho Greydon, a fim de mostrar ao sacerdote o caminho mais curto até o mar, através dos montes. Quando

partiram, a aurora ainda demoraria uma hora para surgir, mas as montarias eram resistentes e de patas seguras, e fizeram um bom tempo, apesar da escuridão. Aeron fechou os olhos e proferiu uma prece silenciosa e, passado algum tempo, pôs-se a dormir na sela.

O som chegou tênue, o grito de uma dobradiça enferrujada.

— Urri — murmurou, e acordou temeroso. *Aqui não há dobradiças, não há porta, não há Urri.* Um machado voador levava metade da mão de Urri quando tinha catorze anos e brincava de dança dos dedos, enquanto o pai e os irmãos mais velhos estavam longe, na guerra. A terceira esposa de lorde Quellon fora uma Piper do Castelo de Donzellarrosa, uma moça com grandes seios macios e olhos castanhos de corça. Em vez de curar a mão de Urri pelo Costume Antigo, com fogo e água do mar, entregara-o ao seu meistre das terras verdes, que jurara conseguir costurar os dedos em falta. Fizera-o, e depois usara poções, cataplasmas e ervas, mas a mão gangrenou e Urri contraiu uma febre. Quando o meistre lhe serrou o braço, era tarde demais.

Lorde Quellon nunca regressou de sua última viagem; o Deus Afogado, em sua bondade, concedeu-lhe uma morte no mar. Foi lorde Balon quem voltou, com os irmãos Euron e Victarion. Quando Balon ouviu sobre o que acontecera a Urri, removeu três dos dedos do meistre com um cutelo de cozinheiro e mandou a mulher do pai costurá-los. Cataplasmas e poções funcionaram tão bem para o meistre como para Urrigon. O homem morreu em delírio, e a terceira esposa de lorde Quellon o seguiu pouco depois, quando a parteira removeu uma filha natimorta de seu ventre. Aeron sentira-se feliz. Tinha sido seu machado que cortara os dedos de Urri, enquanto dançavam juntos a dança dos dedos, como os amigos e irmãos costumavam fazer.

Ainda o envergonhava recordar os anos que se seguiram à morte de Urri. Aos dezesseis intitulava-se homem, mas na verdade não passava de um saco de vinho com pernas. Cantava, dançava (mas não a dança dos dedos, esta nunca mais), gracejava, tagarelava e fazia troça. Tocava gaita, fazia malabarismo, montava a cavalo e era capaz de beber mais do que todos os Wynch e os Botley e também metade dos Harlaw. O Deus Afogado concede a todos os homens um dom, até a ele; nenhum homem era capaz de mijar por mais tempo ou até mais longe do que Aeron Greyjoy, habilidade que provava em todos os banquetes. Uma vez apostara seu novo dracar contra uma manada de cabras que seria capaz de apagar uma lareira sem recorrer a nada exceto seu pau. Aeron banqueteara-se com cabra durante um ano e batizara o navio de *Tempestade Dourada*, embora Balon tivesse ameaçado enforcá-lo no mastro do dracar quando lhe contaram que tipo de esporão o irmão pretendia colocar na proa.

No fim das contas, *Tempestade Dourada* naufragou ao largo da Ilha Bela durante a primeira rebelião de Balon, cortado ao meio por uma enorme galé de guerra chamada *Fúria*, quando Stannis Baratheon apanhara Victarion na armadilha que montara e esmagara a Frota de Ferro. Mas o deus ainda não se cansara de Aeron, e o levou para terra. Um grupo de pescadores o tornou cativo e o levou acorrentado até Lannisporto, onde passou o resto da guerra nas entranhas de Rochedo Casterly, provando que as lulas-gigantes eram capazes de mijar durante mais tempo e até mais longe do que os leões, os javalis ou as galinhas.

Esse homem está morto. Aeron afogara-se e renascera do mar, como o profeta do próprio deus. Não havia mortal que fosse capaz de assustá-lo, e o mesmo se podia dizer da escuridão... e das memórias, os ossos da alma. *O som de uma porta abrindo-se, o grito de uma dobradiça de ferro enferrujada. Euron regressara.* Não importava. Ele era o sacerdote Cabelo Molhado, o amado do deus.

— Haverá guerra? — perguntou Greydon Goodbrother quando o sol iluminou os montes. — Uma guerra de irmão contra irmão?

— Se o Deus Afogado desejar. Nenhum homem sem deus pode se sentar na Cadeira de Pedra do Mar — *Olho de Corvo lutar, isto é certo*. Nenhuma mulher seria capaz de derrotá-lo, nem mesmo Asha; as mulheres eram feitas para travar suas batalhas na cama de partos. E Theon, se ainda estivesse vivo, era igualmente impotente, um rapaz de ataques de mau humor e sorrisos. Em Winterfell demonstrara seu valor, o que possuía, mas Olho de Corvo não era nenhum rapaz aleijado. Os conveses do navio de Euron estavam pintados de vermelho, para melhor esconder o sangue que os ensopava. *Victarion. O rei tem de ser Victarion, senão a tempestade nos matará a todos*.

Greydon o deixou depois de o sol nascer, para ir levar a notícia da morte de Balon aos primos, em suas torres em Covabaixa, no Forte do Espigão do Corvo e no Lago do Cadáver. Aeron prosseguiu sozinho, subindo montes e descendo vales ao longo de uma trilha pedregosa que ia se tornando mais larga e nítida à medida que se aproximava do mar. Em todas as aldeias fazia uma pausa para pregar, assim como nos pátios dos pequenos senhores.

— Nascemos do mar, e ao mar voltaremos — dizia-lhes. Sua voz era profunda como o oceano, e trovejava como as ondas. — O Deus da Tempestade, em sua ira, arrancou Balon de seu castelo e o derrubou, e ele agora banqueteia-se sob as ondas nos salões aquáticos do Deus Afogado — então, erguia as mãos: — *Balon está morto! O rei está morto! Mas um rei voltará! Pois o que está morto não pode morrer, mas volta a se erguer, mais duro e mais forte! Um rei se erguerá!*

Alguns daqueles que o escutavam largavam as enxadas e as picaretas para segui-lo, de modo que, quando ouviu o bater das ondas, uma dúzia de homens caminhava atrás de seu cavalo, tocados pelo deus e desejosos de se afogar.

Seixeira era o lar de vários milhares de pescadores, cujas cabanas se aglomeravam em volta da base de uma casa-torre quadrada com um torreão em cada canto. Duas vintenas dos afogados de Aeron o esperavam aí, acampados ao longo de uma praia de areia cinzenta, em tendas de pele de foca e abrigos construídos com madeira trazida pelo mar. Suas mãos tinham sido endurecidas pela maresia, marcadas por redes e linhas, ganhado calos por causa dos remos, picaretas e machados, mas agora aquelas mãos empunhavam maças duras como ferro, feitas de madeira trazida pelo mar, pois o deus armara-os com seu arsenal submarino.

Tinham construído um abrigo para o sacerdote logo acima da linha das marés. Aeron enfiou-se lá de bom grado, depois de afogar seus mais recentes seguidores. *Meu deus, orou, fala-me com o estrondo das ondas e diga-me o que fazer. Os capitães e os reis esperam a sua palavra. Quem será nosso rei no lugar de Balon? Canta-me na língua do leviatã, para que eu possa saber o seu nome. Diga-me, ó Senhor sob as ondas, quem tem força para combater as tempestades em Pyke?*

Embora a cavalgada até Cornartelo o tivesse deixado cansado, Aeron Cabelo Molhado não conseguiu ficar quieto em seu abrigo de madeira trazida pelo mar e teto de algas negras. As nuvens chegaram para esconder a lua e as estrelas, e a escuridão caiu tão densa sobre o mar como sobre sua alma. *Balon favorecia Asha, a filha de seu corpo, mas uma mulher não pode governar os homens de ferro. Tem de ser Victarion*. Nove filhos tinham nascido das virilhas de Quellon Greyjoy, e Victarion era o mais forte de todos, um autêntico touro, destemido e obediente. *E é aí que mora o perigo*. Um irmão mais novo deve obediência ao mais velho, e Victarion não era homem que velejasse contra a tradição. *Mas ele não tem nenhuma simpatia por Euron, não a tem desde que a mulher morreu*.

Lá fora, sob o ressonar de seus afogados e os lamentos do vento, ouviu o rebentar das ondas, o martelo de seu deus chamando para a batalha. Aeron arrastou-se para fora do pequeno abrigo e penetrou no frio da noite. Levantou-se, nu, pálido, descarnado e alto, e nu caminhou até o negro mar salgado. A água estava gelada, mas a carícia de seu deus não o fez vacilar. Uma onda esmagou-se contra seu peito, fazendo-o cambalear. A seguinte quebrou-se por cima de sua cabeça. Sentiu o sabor do sal nos lábios e a presença do deus à sua volta, e seus ouvidos ressoaram-lhe com a glória de sua canção. *Nove filhos nasceram das virilhas de Quellon Greyjoy, e eu fui o último, tão fraco e assustado quanto uma menina. Mas não mais. Esse homem afogou-se, e o deus fez-me forte.* O frio mar salgado o rodeou, abraçou-o, avançou através de sua carne fraca de homem e lhe tocou os ossos. *Ossos, pensou. Os ossos da alma. Os ossos de Balon, e os de Urri. A verdade encontra-se em nossos ossos, pois a carne se decompõe, e o osso resiste. E no monte de Naggá, os ossos do Palácio do Rei Cinzento...*

E descarnado, pálido e tremendo, Aeron Cabelo Molhado lutou para regressar a terra mais sábio do que era ao entrar no mar. Pois encontrara a resposta em seus ossos, e o caminho que tinha diante de si tornara-se evidente. A noite estava tão fria que o corpo pareceu fumar quando regressou em silêncio ao abrigo, mas havia uma fogueira ardendo em seu coração, e por uma vez o sono chegou facilmente, sem ser quebrado pelo grito de dobradiças de ferro.

Quando acordou, o dia estava ensolarado e ventoso. Aeron quebrou o jejum com um caldo de amêijoas e algas marinhas preparado numa fogueira feita com madeira trazida pelo mar. Tinha terminado a refeição quando Merlyn desceu de sua casa-torre, com meia dúzia de guardas, à sua procura.

— O rei está morto — disse-lhe Cabelo Molhado.

— Sim. Recebi uma ave. E agora outra — Merlyn era um homem calvo, redondo e carnudo que chamava a si mesmo de “lorde”, à maneira das terras verdes, e se vestia de peles e veludos. — Um corvo convoca-me a Pyke, e outro às Dez Torres. Vocês, as lulas-gigantes, têm muitos tentáculos, despedaçam um homem. Que me diz, sacerdote? Para onde devo enviar meus dracares?

Aeron franziu as sobrancelhas.

— Dez Torres, você diz? Que lula-gigante o chama lá? — Dez Torres era a sede do Senhor de Harlaw.

— A princesa Asha. Virou as velas para casa. O Leitor envia corvos, convocando todos os seus amigos a Harlaw. Diz que Balon pretendia que ela ocupasse a Cadeira de Pedra do Mar.

— O Deus Afogado decidirá quem deve ocupar a Cadeira de Pedra do Mar — disse o sacerdote. — Ajoelhe-se, para que possa abençoá-lo — lorde Merlyn caiu sobre os joelhos, Aeron tirou a rolha do odre e despejou água do mar em sua careca. — Senhor Deus que se afogou por nós, permita que Meldred, seu criado, renasça do mar. Abençoe-o com o sal, abençoe-o com a pedra, abençoe-o com o aço — água escorria pelas gordas bochechas de Merlyn e lhe ensopava a barba e a capa de pele de raposa. — O que está morto não pode morrer — terminou Aeron —, mas volta a se erguer, mais duro e mais forte. — Porém, quando Merlyn se ergueu, disse-lhe: — Fique e escute, para que possa espalhar a palavra do deus.

A um metro da beira da água as ondas rebentavam em volta de um pedregulho redondo de granito. E foi ali que Aeron Cabelo Molhado subiu, para que todo seu cardume pudesse vê-lo e ouvir as palavras que tinha a dizer.

— Nascemos do mar, e ao mar regressaremos — começou, como fizera cem vezes antes. — O Deus da Tempestade, em sua ira, arrancou Balon de seu castelo e o derrubou, e ele agora banqueteia-se sob as ondas — e, então, ergueu as mãos: — *O rei de ferro está morto!* Mas um rei voltará a surgir! Pois o que está morto não pode morrer, mas volta a se erguer, mais duro e mais forte!

— *Um rei se erguerá!* — gritaram os afogados.

— Um rei se erguerá. Tem de se erguer. Mas quem? — Cabelo Molhado escutou por um momento, mas apenas as ondas lhe responderam. — *Quem será o nosso rei?*

Os afogados puseram-se a bater com as maçãs umas nas outras.

— *Cabelo Molhado!* — gritaram. — *Rei Cabelo Molhado! Rei Aeron! Dê-nos o Cabelo Molhado!*

Aeron balançou a cabeça.

— Se um pai tem dois filhos e dá um machado a um deles e uma rede ao outro, qual dos dois pretende que seja o guerreiro?

— O machado é para o guerreiro — gritou Rus em resposta — e a rede, para um pescador dos mares.

— Sim — Aeron respondeu. — O deus levou-me até as profundezas sob as águas e afogou a coisa imprestável que eu era. Quando voltou a me atirar para terra, me deu olhos para ver, orelhas para ouvir e uma voz para espalhar a sua palavra, para que eu pudesse ser o seu profeta e ensinar sua verdade àqueles que a esqueceram. Não fui feito para me sentar na Cadeira de Pedra do Mar... tal como Euron Olho de Corvo não o foi. Pois eu escutei o deus, que disse: *Nenhum homem sem deus pode se sentar na minha Cadeira de Pedra do Mar!*

Merlyn cruzou os braços diante do peito.

— Então é Asha? Ou Victarion? Diga-nos, sacerdote!

— O Deus Afogado dirá, mas não aqui — Aeron apontou para a gorda face branca de Merlyn. — Não olhe para mim, nem para as leis do homem, mas sim para o mar. Ice as velas e estenda os remos, senhor, e siga até Velha Wyk. Você e todos os capitães e reis. Não vá para Pyke, não abaixe a cabeça perante o infiel; nem para Harlaw, ligar-se a mulheres intriguistas. Aponte a proa para a Velha Wyk, onde se erguia o Palácio do Rei Cinzento. Em nome do Deus Afogado eu o convoco. *Convoco a todos!* Deixem seus salões e cabanas, seus castelos e fortalezas, e regressem ao monte de Nagga para uma assembleia de homens livres!

Merlyn olhou-o de boca aberta.

— Uma assembleia de homens livres? Não há uma verdadeira assembleia há...

— ... *muito tempo!* — gritou Aeron, angustiado. — Mas na aurora dos tempos, os homens de ferro escolhiam os próprios reis, promovendo os mais valorosos entre eles. É hora de regressarmos ao Costume Antigo, pois só isso nos devolverá a grandeza. Foi uma assembleia de homens livres que escolheu Urras Pé-de-Ferro como Rei Supremo e lhe pôs na cabeça uma coroa de madeira trazida pelo mar. Sylls Nariz-Chato, Harrag Hoare, a Velha Lula-gigante, foi a assembleia que os ergueu a todos. *E dessa assembleia emergirá um homem capaz de terminar o trabalho que o rei Balon iniciou e nos devolver a liberdade.* Não vá para Pyke, nem para as Dez Torres de Harlaw, mas para a Velha Wyk, repito. Reivindique o monte de Nagga e os ossos do Palácio do Rei Cinzento, pois nesse lugar sagrado, quando a lua se afogar e renascer, elegeremos um rei respeitável, um rei *devoto* — voltou a erguer bem alto as mãos ossudas. — *Escutem!* Escutem as ondas! Escutem o deus! Ele está falando conosco e diz: *Não teremos rei a menos que seja escolhido pela assembleia de homens livres!*

Ergueu-se um rugido em resposta àquilo e os afogados bateram suas maças umas nas outras.

— *Uma assembleia de homens livres!* — gritaram. — *Uma assembleia, uma assembleia. Não há rei exceto pela assembleia!* — e o clamor que fizeram foi tão trovejante que certamente Olho de Corvo ouviu os gritos em Pyke, bem como o maligno Deus da Tempestade em seu salão de nuvens. E Aeron Cabelo Molhado soube que agira bem.